

Título Ernesto Neto ancora no coração de Paris uma grande caravela toda feita com tecido
Data 17 de junho de 2025
Evento Nosso Barco Tambor Terra

Publicação Folha de São Paulo
Autor André Fontenele
Artista Ernesto Neto

88 TERÇA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 2025

FOLHA DE S.PAULO

ilustrada

André Fontenele

PARIS Os primeiros visitantes a tocar os tambores da grande instalação imersiva de Ernesto Neto no Grand Palais parisiense foram ninguém menos que os presidentes do Brasil e da França. Lula e Emmanuel Macron inauguraram no início deste mês a mostra "Nosso Barco Tambor Terra", um dos pontos altos da programação cultural do ano do Brasil na França.

"As obras [de Ernesto] estendem raízes até o coração do Grand Palais, tecendo uma passarela sensível entre nossos imaginários", disse Macron, nas redes, no dia da inauguração, logo depois da visita.

Naquela noite, o despojado Ernesto Neto recebeu ainda a deferência de uma mesa bem em frente à dos dois presidentes, no jantar de gala no Palácio do Eliseu, sede do governo francês. É mais um reconhecimento à sua obra e ao artista que é um dos brasileiros com maior projeção internacional na atualidade, com trabalhos em coleções como a do Centre Georges Pompidou, de Paris, do MoMA, de Nova York, e do Reina Sofia, de Madrid.

No início deste ano, o artista visual já tinha exposto uma serpente gigantesca em outro prestigioso espaço da capital francesa, o imenso ático da centenária loja de departamentos Le Bon Marché.

Expor a sua obra no Grand Palais é uma consagração para qualquer artista. O pavilhão famoso por sua monumental cúpula de vidro, construído para a Exposição Universal de 1905, é a joia da coroa dos museus nacionais franceses. Reinaugurado no ano passado para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, depois de quatro anos de reforma, o espaço é reservado a grandes eventos e exposições.

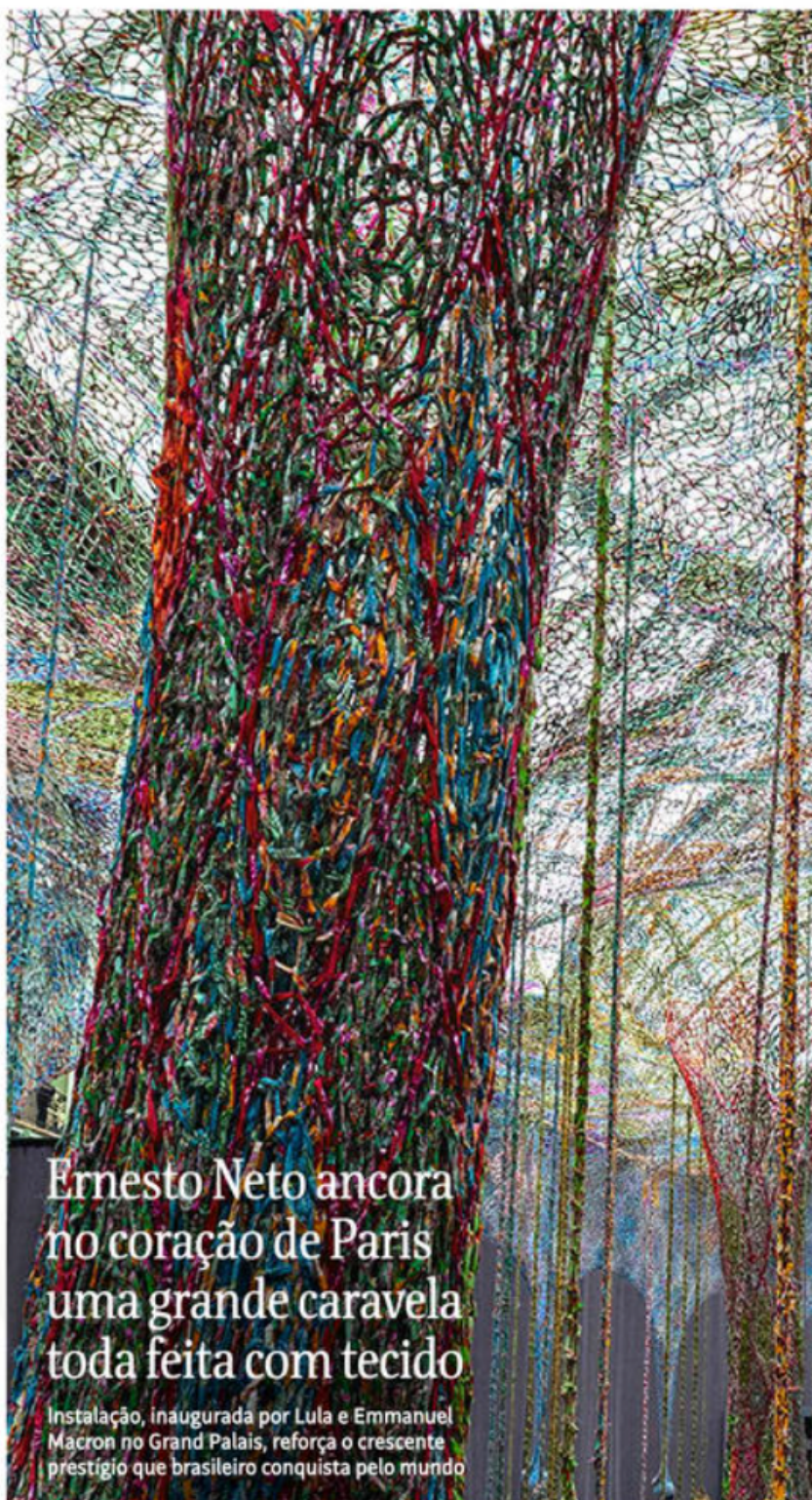
"Nosso Barco Tambor Terra" é uma nova versão da instalação exposta no ano passado no Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, o Maat, de Lisboa, com adaptações e desdobramentos para as dimensões do Grand Palais. A reportagem a visitou às vésperas da inauguração, quando Neto ainda dava os últimos retoques na obra minuciosamente concebida.

Não é por acaso que "Nosso Barco Tambor Terra" vem de Portugal. Imensa e multicolorida "caravela" de crochê, feita com tiras de chita, a instalação nasceu de uma visão que o artista teve às margens do rio Tejo, alguns anos atrás.

"No que eu vi o fim do rio, vi o começo do Atlântico", relembra. "Vi fantasmagoricamente várias caravelas saindo das entranhas da Europa. Me deu aquela consciência do outro lado. Toda a nossa história, aquela confusão toda. Tudo que a gente sabe muito bem que aconteceu. Nem tão bem assim — a gente deveria saber melhor, né?"

Dentro da caravela, que também é floresta, há 60 instrumentos de percussão vindos de vários países, que o visitante pode tocar, e sacos de contrapeso, abarrotados de diferentes grãos e especiarias. Os sons, as cores e os cheiros criam o ambiente multissensorial característico das obras de Ernesto Neto. A intenção do artista é despertar no visitante uma reflexão sobre o legado do colonialismo, que fez do Brasil um grande produtor de matérias-primas.

Continua na pág. 89



Ernesto Neto ancora no coração de Paris uma grande caravela toda feita com tecido

Instalação, inaugurada por Lula e Emmanuel Macron no Grand Palais, reforça o crescente prestígio que brasileiro conquista pelo mundo

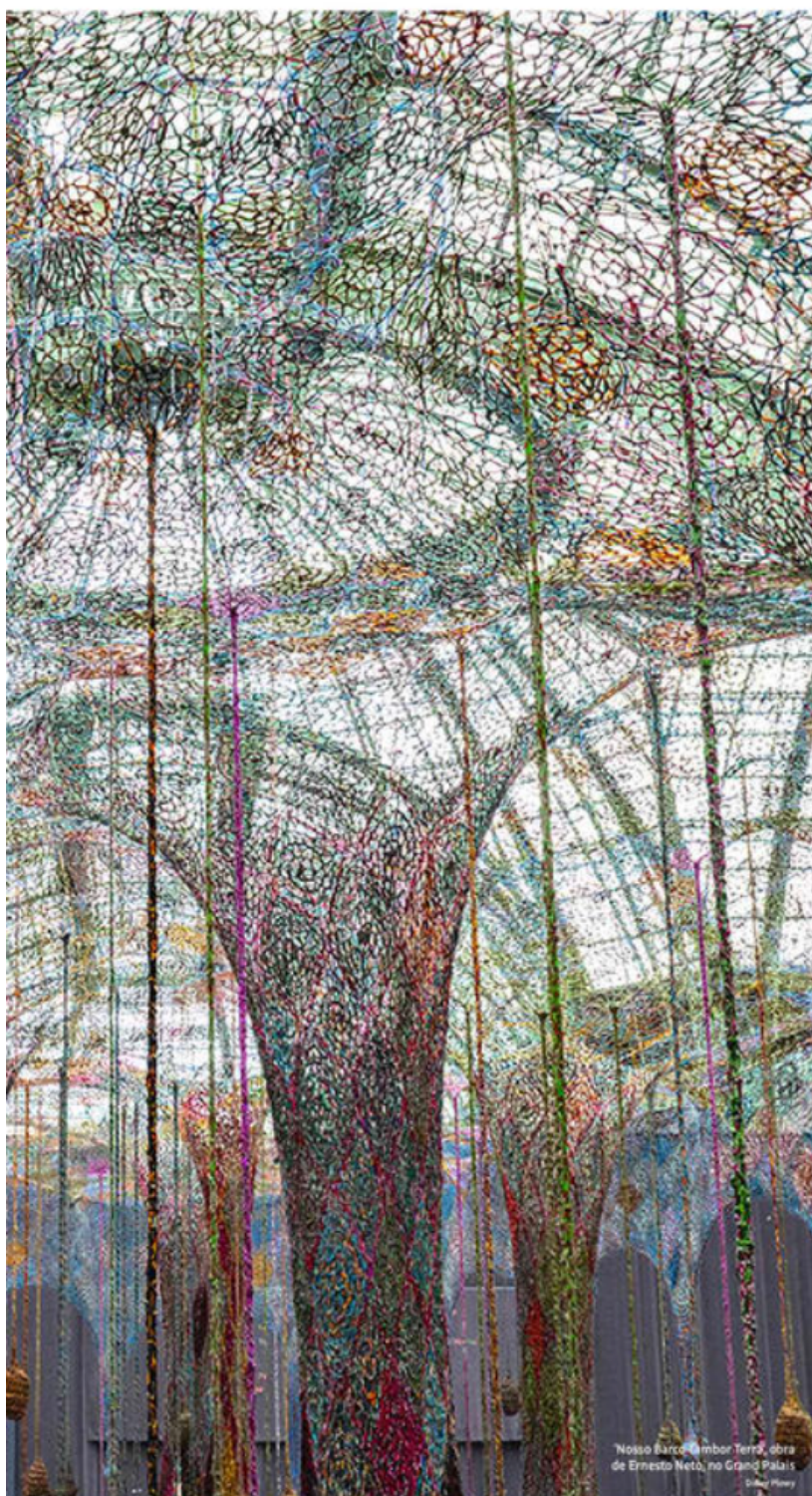
Título Ernesto Neto ancora no coração de Paris uma grande caravela toda feita com tecido
Data 17 de junho de 2025
Evento Nosso Barco Tambor Terra

Publicação Folha de São Paulo
Autor André Fontenele
Artista Ernesto Neto

FOLHA DE S. PAULO

TERÇA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 2025 89

ilustrada



Continuação na pág. 88

"O conhecimento não é valorizado, porque o pobre não deve receber conhecimento. Mas o rico também não recebe. E o conhecimento é a cultura, e o que transforma é a cultura." A percussão coletiva, que Ernesto Neto pratica há quase duas décadas na tradicional bateria do Balança Mas Não Cai, do Carnaval de rua carioca, é uma materialização do conceito africano de "ubuntu", termo zulu que traduz uma filosofia de comunhão humanista.

"A sociedade em que a gente vive é competitiva. Quem chega na frente ganha. Na batucada, quem chegar na frente está fora", afirma o artista. O entusiasmo do público com os tambores foi tanto que chegou a danificar a instalação logo depois de sua abertura, o que exigiu uma breve suspensão da visitação.

Neto reivindica com orgulho o legado das gerações anteriores. "Por que a Lygia Clark, o Hélio Oiticica e a Lygia Pape trouxeram essa arte interativa com tanta facilidade para o Brasil?" Ele mesmo responde — por causa da tradição inclusiva afro-brasileira e indígena. "O samba é todo mundo cantando. Não tem a separação entre palco e plateia."

Neto, aliás, não é o único brasileiro a ocupar o Grand Palais neste momento. No mezanino do pavilhão está em cartaz, nesse mesmo período, a exposição "Horizontes". Ela apresenta pinturas de quatro artistas de origens e trajetórias variadas — Agrado Camiz, Antonio Obá, Marina Perez Simão e Vinícius Gerheim.

Camiz começou grafitando na zona norte do Rio de Janeiro. Ela levou a Paris dois trabalhos inéditos, "Safira" e "Grains de Beauté Perpétuels", ou em português, pintas perpétuas, pinturas abstratas, porém cheias de referências a elementos do cotidiano carioca, como as cortinas de contas. "O meu trabalho fala sobre subúrbio. Eu trabalho com camadas entre a arquitetura e a intimidade social desse lugar", afirma ela.

Obá, do Distrito Federal, artista que tem obras na prestigiosa coleção de François Pinault, em Paris, apresenta a inquietante "Banhistas N°3 - Espreita", de 2020, em que um jacaré compartilha uma piscina com os humanos, observados por uma pessoa atrás de uma palmeira. Já as ondas coloridas dos quadros da capibaba Perez Simão são fruto de um planejamento que pode levar meses. "Meu trabalho é destilar a forma. Não quero descrever demais, para conferir liberdade ao espectador", afirma.

Gerheim fez dois murais para a exposição. São complexas paisagens imaginárias cujos títulos, "Pirapora" e "Arapuca", termos do tupi incorporados ao português, evocam a relação do brasileiro com a natureza. "O meu trabalho tem uma operação muito musical. Começo criando uma atmosfera e, através da repetição desses padrões, crio um ritmo, para achar pássaros, folhas, chamas e asas."

Ernesto Neto - Nosso Barco Tambor Terra' e 'Horizontes' - Peintures Brésiliennes'

ONDE Grand Palais, avenue du Général Eisenhower, 1, Paris.
QUANDO De ter. a dom., das 10h30 às 20h. Até 25 de julho. **PREÇO** Grátis